

LIÇÕES DA GUERRA DA UCRÂNIA

Por Jose Miguel Alonso-Trabanco*



Tanques russos na Cordilheira Kadamovsky, na região de Rostov, Rússia, em 3 de fevereiro de 2022 (Erik Romanenko/TASS via Getty Images).

A rósea visão de mundo dos “homens de Davos” foi assaltada pela realidade da Guerra da Ucrânia, e os “especialistas” concluem que os eventos que eles não sabem explicar não fazem sentido, ou que os responsáveis são irracionais.

Dizer que o início do século 21 é uma era turbulenta é um eufemismo. Nas últimas duas décadas, o sistema internacional experimentou a reativação incremental e intensificação das rivalidades geopolíticas. Como qualquer historiador pode atestar, tal fenômeno não é surpreendente no grande esquema das coisas. A este respeito, como um ponto de viragem fatídico, a recente eclosão da Guerra da Ucrânia provavelmente representa o primeiro grande confronto violento da nova Guerra Fria, um drama que se desenrola de crescente competição estratégica. Esse desenvolvimento enterrou o espírito otimista que floresceu nos anos 1990 e o substituiu por um *zeitgeist* sombrio e ameaçador.

Embora seu resultado ainda não esteja claro, ela já fornece lições instrutivas sobre tendências em desenvolvimento e duras realidades, cuja compreensão é crucial para prever o que o futuro pode trazer nas próximas décadas e preparar-se para isso. Suas implicações não podem ser descritas como agradáveis, mas isso não é motivo para ignorá-las. Assim, a assimilação em profundidade das seguintes lições é essencial para formuladores de políticas, analistas e pesquisadores envolvidos em política externa, segurança nacional, análise de inteligência, política militar e grande estratégia.

LIÇÃO 1: A GUERRA NÃO É UMA FERRAMENTA OBSOLETA

A probabilidade reduzida de uma guerra direta entre grandes potências – graças a uma relutância de cabeça fria em desencadear um Armagedom nuclear – e a erupção de várias guerras irregulares em décadas recentes projetaram a ilusão de que um conflito interestatal convencional é obsoleto.

Tal crença está fora de contato com a realidade; simplesmente não é apoiado por evidências empíricas: episódios como a Guerra Irã-Iraque, a Guerra do Golfo, a invasão anglo-americana do Iraque em 2003, a Guerra Russo-Georgiana de 2008 e a Guerra do Nagorno-Karabakh de 2020 demonstram que o poder duro continua sendo um ativo ao qual os estados nacionais podem recorrer contra seus homólogos para perseguir seus interesses em um mundo de soma zero. Enquanto o caráter falho da natureza humana e a estrutura anárquica do sistema internacional prevalecerem, o espectro da guerra continuará assombrando o mundo.

É claro que a Guerra da Ucrânia – especialmente considerando as proporções das mobilizações militares correspondentes e a ressonância de longo alcance das ondas de choque do conflito – aponta na mesma direção. No entanto, também mostra que as grandes potências acreditam que a projeção de poder cinético é uma opção válida sempre que consideram que sua segurança nacional está em jogo e que as nações menores sob ataque não têm escolha a não ser enfrentar um rival superior que ameace sua soberania ou sobrevivência, mesmo que isso implique em derramamento de sangue.

Em geral, isso é um lembrete de que, por ser uma luta existencial, a guerra encarna a distinção coletiva potencialmente letal entre amigos e inimigos como o conceito do político por excelência identificado por Carl Schmitt. A guerra não pode ser abolida enquanto os humanos forem animais políticos e, embora os indivíduos possam até abraçar o credo do pacifismo, a guerra ameaça engoli-los de qualquer maneira, independentemente de seus pontos de vista.

Nesse caso, o motor político geral que motiva a invasão russa da Ucrânia é o interesse em alterar a orientação estratégica de Kiev e a busca paralela pelo *Lebensraum* (“espaço vital”). Ainda não está claro se esse resultado será alcançável por meio de força bruta, mas Moscou acha que, em um mundo em que muitas vezes pode dar certo, pode se safar se sua campanha for bem-sucedida. A expectativa é que mesmo havendo altos custos que teriam de ser pagos em termos de recursos econômicos, capital político, perdas materiais e baixas, os benefícios seriam superiores.

O curso de ação seguido pelo Kremlin revela uma mentalidade em que o *soft power* é visto como irrelevante, o que não surpreende se considerarmos que o pensamento estratégico russo tradicionalmente abraça o princípio maquiavélico de que é melhor ser temido do que amado se não se pode ser ambos. No entanto, como mostra o registro histórico, ignorar a importância dos aspectos não militares da guerra pode ser uma receita para o desastre. Por exemplo, os americanos não perderam uma única batalha na Guerra do Vietnã e ainda assim os EUA foram

derrotados, apesar de sua esmagadora superioridade militar, econômica e tecnológica.

LICÃO 2: O CONFLITO É UM FENÔMENO CALEIDOSCÓPICO

Embora a natureza fundamental da guerra seja constante, as permutações de sua gramática são infinitas, como observaram teóricos militares como Sun Bin e Martin Van Creveld. Nesse sentido, a Guerra da Ucrânia é um conflito que mistura elementos tradicionais e inovadores. Em seus ingredientes clássicos, apresenta o tradicional envolvimento de forças inimigas em posições urbanas para cortar o fluxo de suprimentos, impedir a chegada de reforços, desmoralizar os defensores e maximizar a pressão psicológica. Cercados por vários flancos, aqueles dentro dos referidos bolsões têm pouca escolha a não ser se render, fugir ou lutar em condições desvantajosas em perversos combates urbanos. Esta abordagem de guerra de cerco é geralmente referida como *Kesselschlacht* ("batalha de caldeirão"). Por outro lado, a estratégia defensiva empregada pelos ucranianos contra os russos é ironicamente baseada em planos soviéticos originalmente elaborados durante a Guerra Fria para lidar com a perspectiva de uma invasão pelas forças da OTAN. O objetivo é usar as cidades como fortalezas fortificadas que esgotam os recursos, capacidades, dinamismo e mão de obra do inimigo.

Além disso, esse conflito também é notório pelo envolvimento de componentes mais modernos. Por exemplo, a versão russa de "choque e pavor" inclui ataques aéreos, drones e mísseis hipersônicos para sobrecarregar os ucranianos, bem como ameaças de sabre nuclear para impedir a intervenção direta da OTAN. Os ucranianos estão respondendo com combates assimétricos e armas. Sua resistência feroz não pode ser explicada sem o papel crucial desempenhado por *Javelins* e *Stingers*. Da mesma forma, os ucranianos estão contando com plataformas *FinTech*, criptomoedas e ativos digitais para financiar a compra de hardware militar, um desenvolvimento que destaca a crescente importância dos baús de guerra virtuais para os campos de batalha contemporâneos. Além disso, a presença de combatentes não convencionais como mercenários, voluntários estrangeiros, forças especiais e esquadrões paramilitares adiciona outra camada de complexidade que lembra teatros operacionais como Síria e Iêmen. Os combatentes pertencentes ao Regimento Azov, aos Kadyrovites chechenos e ao Grupo Wagner certamente desafiam as concepções tradicionais de soldado.

Por outro lado, a Guerra da Ucrânia não está sendo travada apenas com balas e foguetes. A extensão total do conflito – em termos de profundidade e espaço – vai muito além. Na verdade, também envolve medidas de guerra econômica e financeira. Embora existam vários precedentes significativos ao longo da história, esta seria, sem dúvida, a primeira vez em que esses vetores armados de coerção e interrupção são usados em escala tão grande. Da mesma forma, o ultimato russo de interromper o fluxo de gás natural para os mercados consumidores europeus, a menos que os pagamentos sejam realizados em rublos, mostra a crescente complexidade dos tabuleiros de xadrez geoeconômicos de hoje. Além disso, o conflito confirma que o ciberespaço se tornou um domínio de confronto adequado para atos de sabotagem, espionagem, ataques e desinformação. Finalmente, o uso intensivo da guerra psicológica também foi digno de nota. Embora a batalha para

conquistar “corações e mentes” seja tão antiga quanto a sujeira, o alcance massivo das tecnologias digitais e plataformas como as mídias sociais aumentam exponencialmente a circulação da propaganda para moldar percepções, desencadear fortes reações emocionais, gerar atitudes de apoio entre audiências locais e estrangeiras e avançar narrativas convenientes. Portanto, esta guerra não está sendo travada apenas por militares regulares russos e ucranianos ou mesmo por guerreiros irregulares. Envolve também legiões de financistas, banqueiros, executivos de negócios, *hackers*, influenciadores e *spin doctors*¹. Assim, episódios como este enfatizam a importância de doutrinas holísticas que podem explicar de forma abrangente o caráter multifacetado da guerra moderna, incluindo o conceito russo de guerra híbrida, o conceito americano de guerra de quarta geração e o conceito chinês de guerra irrestrita. Mudanças permanentes e confrontos de espectro total são características estruturais dos ambientes de segurança contemporâneos.

LIÇÃO 3: A GEOGRAFIA É UM PIVÔ FUNDAMENTAL NA POLÍTICA INTERNACIONAL

O lugar importa. Este axioma é a pedra angular intelectual da geopolítica, um modelo analítico que examina o controle político do espaço pelos Estados sob condições competitivas darwinianas. Como explica Hans Morgenthau, a importância da geografia como impulsionadora do comportamento do Estado vem de sua permanência no tempo. Em outras palavras, reinos, impérios, estados e governantes vêm e vão, mas rios, oceanos, montanhas, estepes, florestas e desertos permanecem. Não surpreendentemente, a natureza da Ucrânia como um campo de batalha contestado por séculos não é aleatória.

É resultado de sua condição de corredor geográfico e logístico que liga a península europeia ao próprio núcleo do *heartland* eurasiano, uma área que Sir Halford Mackinder – um dos eminentes teóricos do pensamento geopolítico clássico – considerou fundamental para perseguições imperiais de dominação mundial. Tal posição pode representar um estado-tampão defensivo, uma ponta de lança para a projeção do poder militar ou uma ponte para as trocas econômicas.

Por isso, tem operado constantemente como um ímã que atrai as ambições de conquistadores, czares e guerreiros. Além disso, também vale a pena lutar por suas vantagens comparativas agrícolas, hidrovias navegáveis, portos de águas quentes, redes de infraestrutura, demografia e abundantes depósitos de recursos minerais.

LIÇÃO 4: O EQUILÍBRIO GLOBAL DE PODER ESTÁ FLUINDO

O equilíbrio de poder – um conceito geopolítico baseado na compreensão newtoniana da física – nunca é estático. Muito parecido com um mecanismo de relógio em movimento perpétuo, ele opera como uma correlação dinâmica de forças em fluxo permanente. Nesse sentido, como as guerras reorganizam os equilíbrios políticos existentes, elas aceleram a velocidade da história de maneira drástica e tectônica. Assim, caos e ordem podem ser vistos como dois lados da

¹ Pessoa responsável por garantir que outros interpretem eventos de um ponto de vista específico.

mesma moeda. Portanto, ainda que a Guerra da Ucrânia não seja um conflito hegemônico comparável às Guerras Napoleônicas, está em jogo a futura estrutura de polaridade e a prevalência da estabilidade estratégica no sistema internacional.

Ainda não está claro se a configuração que eventualmente surgirá favorecerá o bloco ocidental – sustentado pela liderança americana – ou o eixo eurasiano das potências continentais. De uma forma ou de outra, é pertinente ressaltar que vitória e derrota nunca são condições permanentes. Outra questão sem resposta é se as rivalidades podem ser gerenciadas no contexto de uma Guerra Fria 2.0 ou se será mais perigosa que sua antecessora.

Como um estado revisionista, a Rússia está envolvida em uma aposta perigosa para reescrever a arquitetura da segurança europeia. Um triunfo russo decisivo poderia muito bem representar um catalisador que poderia acelerar a hegemonia regional russa no espaço pós-soviético, favorecer sua reafirmação como força a ser reconhecida e dar origem a um mundo mais multipolar.

Por sua vez, o Ocidente uniu forças para garantir que a combinação da guerra econômica e o esgotamento das forças russas na Ucrânia diminuam a força do gigante eurasiano até que ele finalmente imploda como uma grande potência, talvez com a expectativa de que o que resta pode potencialmente ser usado como ponta de lança e bucha de canhão contra a China.

No entanto, não há como dizer o que aconteceria se a Rússia entrasse em colapso. Cenários hipotéticos envolvendo turbulência, guerra civil ou balcanização – que implicariam em alto grau de imprevisibilidade – não podem ser desconsiderados. Além disso, a coesão do bloco ocidental não deve ser tida como certa. Vários estados europeus já não estão dispostos a antagonizar Moscou. Por sua vez, um conflito congelado ou a divisão da Ucrânia representaria um impasse frágil esperando para ser derrubado e um ponto de inflamação adormecido.

Por outro lado, Pequim está em uma posição complicada. Poderia tirar vantagem de uma Rússia enfraquecida como um parceiro menor sob a suserania chinesa ou tentar reforçar a Rússia, mesmo que isso implique o risco de desafiar Washington e Bruxelas. Afinal, a invasão russa da Ucrânia desvia a atenção americana do Indo-Pacífico. A China também pode jogar com a ambiguidade e tentar ganhar mais tempo para aumentar seu poder nacional geral e avançar em seus projetos ambiciosos destinados a se posicionar como a pedra angular axial de um corredor geoeconômico eurasiano.

Deve-se ter em mente que a conclusão da agenda estratégica do Império do Meio requer um grau razoável de estabilidade, em vez de se envolver em confrontos potencialmente contraproducentes ou aventuras quixotescas. No entanto, o colapso da Rússia também é problemático porque pode significar que a China será o próximo alvo. De forma reveladora, até agora a maioria dos países do Oriente Médio, subcontinente asiático, Sudeste Asiático, América Latina e África estão agindo com cautela, uma atitude que lhes dá a chance de proteger suas apostas e evitar a opção potencialmente imprudente de escolher lados. É muito cedo para tomar decisões arriscadas, mas, uma vez que haja vencedores e perdedores claros, os realinhamentos podem ocorrer.

A Guerra da Ucrânia também ilustra que a ideia de uma “ordem global baseada em regras” como um sistema que pode garantir a governança internacional e regular o comportamento do Estado é baseada em suposições imprecisas. Regras coletivas concebidas para garantir a harmonização de interesses só podem ser aplicadas enquanto ingredientes como um poder coercitivo avassalador, um centro de liderança legítima incontestável e um forte consenso multilateral estiverem presentes.

Escusado será dizer que tais condições estão ausentes em um ambiente anárquico que incentiva a predação constante. Além disso, não existe uma comunidade internacional ou uma aldeia global em que os mesmos valores sejam universalmente compartilhados. Na selva implacável da política internacional, o poder é a única coisa que pode mantê-lo sob controle. Quando um desequilíbrio atinge proporções desestabilizadoras, haverá uma reação orgânica para corrigi-lo.

Em outras palavras, forças opostas e medo mútuo podem certamente gerar conflitos violentos, mas, se aproveitados adequadamente por meio da diplomacia para evitar suas consequências mais desagradáveis, podem funcionar como âncoras de previsibilidade. Em um mundo imperfeito, a prevalência de uma ordem realista não significa que as animosidades mútuas diminuam, apenas que suas consequências não se tornem muito desagradáveis.

LIÇÃO 5: O NACIONALISMO É A FORÇA POLÍTICA MAIS FORTE

A força do nacionalismo no mundo moderno não está diminuindo. Longe disso. De fato, a Guerra da Ucrânia demonstra sua crescente tração como uma poderosa força política que pode levar as pessoas a morrer e matar em condições assustadoras e perigosas. O nacionalismo é muitas vezes mal compreendido porque a influência do internacionalismo liberal o fez parecer irracional e paroquial.

No entanto, de acordo com o pensador israelense Yoram Hazony, o nacionalismo tem tudo a ver com o esforço orgânico das políticas soberanas para buscar sua autopreservação, manter a capacidade de determinar seu próprio destino em um mundo muitas vezes hostil, reafirmar sua coesão e preservar características de identidade – por exemplo, etnia, herança, cultural, religião, antecedentes históricos, idioma – que os tornam únicos.

Na arena implacável da política internacional, os apelos retóricos abstratos à humanidade soam vazios. Portanto, como uma energia que estimula a vitalidade, o nacionalismo faz muito sentido em uma realidade hobbesiana. Para os nacionalistas, as lealdades são definidas por quadros relacionais coletivos e, por definição, isso exclui estranhos, que podem ser vistos como aliados ou inimigos dependendo das circunstâncias.

Assim, apesar da orientação pró-ocidental da política externa ucraniana, os ucranianos não estão lutando pelo conceito de democracia. Eles estão dispostos a sacrificar suas vidas pela sobrevivência de suas famílias, comunidades e pátria. Paradoxalmente, ao invés de desmoralizar o povo ucraniano, a agressão russa

reforçou sua determinação de desconsiderar suas diferenças e amargas rivalidades internas para resistir juntos. Afinal, ter um inimigo comum é um poderoso incentivo para cerrar fileiras e desenvolver a massa crítica necessária para alcançar um Estado soberano. É por isso que as tropas russas não foram saudadas como libertadoras nas ruas das cidades ucranianas.

Por outro lado, o crescente ostracismo da Rússia e a perspectiva de dificuldades econômicas iminentes também não desmoralizaram o povo russo. De fato, a imposição de sanções destinadas a derrubar a Rússia como Estado nacional encorajou o revanchismo e o ressentimento popular generalizado. Afinal, quando uma nação inteira é alvo, unir-se em torno de sua bandeira é uma reação natural. Surpreendentemente, a maioria dos russos apoia a intervenção militar de Moscou na Ucrânia e os índices de aprovação do presidente Vladimir Putin estão subindo ao invés de cair.

LIÇÃO 6: A POLÍTICA DE ESTADO DEVE ENFRENTAR O DESAFIO DAS CONSEQUÊNCIAS NÃO INTENCIONAIS

Uma das razões pelas quais muitas vezes se afirma que a guerra é uma aposta é porque ela pode desencadear uma sucessão de eventos que levam a consequências não intencionais. Assim, diante de circunstâncias desafiadoras, as decisões tomadas pelos estadistas podem trazer resultados imprevistos ou, na pior das hipóteses, um tiro pela culatra espetacular.

A Guerra da Ucrânia fornece vários exemplos ilustrativos. Primeiro, a abordagem pesada da Rússia para a reincorporação da Ucrânia em sua órbita geopolítica de fato galvanizou a relutância de Kiev em retornar à esfera de influência de Moscou. Além disso, a invasão russa alienou até mesmo setores da população ucraniana – especialmente em suas regiões orientais – que costumavam abrigar atitudes russófilas há pouco tempo.

Ironicamente, a recusa dos ucranianos em serem reabsorvidos por uma Rússia cada vez mais agressiva foi reforçada pelo desejo do Kremlin de realinhar a Ucrânia como um satélite através da força. Essa decisão foi tomada provavelmente porque outras medidas – ação secreta, aumento da pressão militar, guerra psicológica, milícias por procuração e operações clandestinas para provocar mudança de regime – falharam em moldar o curso dos eventos de acordo com a agenda estratégica de Moscou; mas um ataque militar explícito também não está tornando as coisas mais fáceis.

Ainda é muito cedo para dizer, mas só o tempo determinará se mesmo uma vitória de Pirro pode ser contraproducente a longo prazo. A menos que a situação seja de alguma forma invertida, uma ocupação e uma campanha de contrainsurgência prolongada paralela contra rebeldes apoiada por inteligência, armamento, dinheiro e apoio logístico fornecidos pela OTAN têm o potencial de prejudicar gravemente o poder nacional russo.

No entanto, o bloco transatlântico provavelmente também sofrerá os efeitos dessa lei. Por exemplo, a Europa já experimentou os resultados da terceirização de sua

segurança e defesa nacional por meio de uma dependência excessiva e complacente do guarda-chuva nuclear fornecido pelos EUA sob a estrutura da OTAN. No entanto, embora a aliança pareça robusta no momento, ainda não se sabe se os EUA estariam dispostos a lutar contra as tropas russas no caso de um país da OTAN – especialmente aqueles localizados em posições problemáticas e difíceis de proteger, como a Polônia ou as repúblicas do Báltico – for atacado por forças russas.

Tal engajamento direto poderia literalmente desencadear uma troca nuclear. Os americanos estão preparados para aceitar o risco de um potencial confronto apocalíptico com uma grande potência equipada com armas nucleares para honrar o artigo 5 da carta da OTAN na defesa de Varsóvia? A resposta não é clara, mas o assunto e suas ramificações certamente estão gerando preocupações em Washington e Bruxelas. Ironicamente, em retrospectiva, a expansão da OTAN pode ter configurado um ambiente mais perigoso, em vez de atuar como um escudo de segurança eficaz.

Além disso, sob a liderança franco-alemã, a União Europeia é um peso-pesado geoeconômico, mas carece das capacidades autônomas que seriam necessárias para proteger seus próprios perímetros geopolíticos. Como resultado, está sendo refém de um vórtice de rivalidade geopolítica entre a Rússia e a América. Além disso, o desejo estratégico de reduzir a dependência do fluxo de suprimentos de energia russos é compreensível nas circunstâncias, mas substituir o gás natural russo pelo GNL americano será uma solução cara e, mais importante, não se tornará autossuficiente em segurança energética. Por sua vez, as perturbações econômicas desencadeadas pelo aumento dos preços da energia podem gerar agitação política e/ou pressão para reavaliar a pertinência estratégica das sanções contra Moscou.

Por outro lado, a impressionante projeção do poder de fogo econômico ocidental por meio de vetores como sanções financeiras, o confisco de ativos monetários e a imposição de perturbações econômicas contra a Rússia pretende punir Moscou, rebaixar o poder natural russo, esgotar o baú de guerra do Kremlin, destruir riquezas e instigar a mudança de regime. Portanto, esse ataque testará a preparação e a resiliência russas.

No entanto, esse curso de ação também pode desencadear mudanças sistêmicas que mudam o jogo. De fato, destaca a pertinência de que os Estados que poderiam potencialmente desafiar os interesses ocidentais desenvolvam plataformas, sistemas e centros nervosos financeiros e monetários alternativos além do controle direto de Washington e Bruxelas. O armamento ocidental das finanças pode reforçar a determinação de certos países de contornar e até desafiar tanto o *status* do dólar como moeda de reserva hegemônica quanto as artérias financeiras transnacionais organicamente ligadas a seus circuitos por meio de veículos como ouro e outros ativos tangíveis com valor intrínseco, inovações *FinTech*, acordos multilaterais e moedas digitais. Assim, uma bifurcação ou fragmentação acelerada da ordem monetária e financeira global é um cenário que não pode ser descartado.

LIÇÃO 7: VISÕES DE MUNDO CIVILIZACIONAIS EM COLISÃO EXACERBAM TENSÕES

Embora a Guerra da Ucrânia seja resultado de interesses estratégicos incompatíveis, visões de mundo civilizacionais conflitantes também estão alimentando as chamas. Esse desenvolvimento aparentemente valida a ideia avançada por Samuel Huntington de que os estados nacionais tendem a gravitar em torno de homólogos que compartilham valores semelhantes e herança comum e se chocam com aqueles cujas origens históricas, socioculturais e étnicas são fundamentalmente diferentes.

O Ocidente se vê como o líder do mundo livre, o campeão dos ideais do Iluminismo, um farol de progresso, uma comunidade de “sociedades abertas” e garantidor de uma “ordem baseada em regras” na qual a democracia liberal, a liberdade de mercados e direitos humanos são respeitados. Por sua vez, a Rússia é amplamente retratada como uma ditadura imperialista, atrasada, cleptocrática, draconiana e repressiva. Em vários países ocidentais, até mesmo produtos russos, música, obras de literatura e arte estão sendo removidos como uma condenação direta de tudo o que o país da Eurásia representa.

Por outro lado, a Rússia se vê como uma herdeira orgulhosa e legítima do Império Bizantino (a tradição imperial russa afirma que Moscou é a “Terceira Roma”), um baluarte do cristianismo ortodoxo, defensor do chamado “mundo russo”, um proponente da multipolaridade geopolítica e uma fortaleza de ordem e tradição assumidamente iliberal. Em contraste, o Ocidente é visto como decadente, hedonista, materialista, hipócrita, ateu, arrogante e moralmente falido.

A franca rejeição e zombaria das tendências ideológicas atualmente em voga em grande parte do mundo ocidental é um reflexo aberto desse desprezo. Na Rússia contemporânea, o Ocidente é essencialmente descrito como uma versão pós-moderna superestimada da República de Weimar.

Portanto, embora tenha havido episódios intermitentes de proximidade e rivalidade entre a Rússia e o Ocidente, parece que o atual divórcio é irreversível. O fato de que os pontos de vista defendidos por ambos os lados são profundamente messiânicos é problemático, porque um compromisso negociado é difícil de alcançar quando cruzados ideológicos hipócritas deslegitimam uns aos outros.

Para o mundo ocidental, a Rússia tornou-se um herege e um pária que merece ser “cancelado” e, em resposta, a Rússia declarou seu desejo de adotar uma orientação estratégica para o Leste, uma mudança apoiada pelas teorias geopolíticas do falecido Yevgeny Primakov – um ex-homem da KGB como o próprio Vladimir Putin – e Aleksander Dugin – o principal ideólogo do eurasianismo – que sustentam a necessidade de forjar laços mais profundos com a China, Índia, Irã, Turquia, Ásia Central, Oriente Médio e Extremo Oriente, em vez de buscar uma acomodação com o bloco transatlântico. Essa reorientação representaria um afastamento radical da época em que o francês era a língua da corte imperial russa, dos esforços empreendidos por Pedro, o Grande, para modernizar a Rússia de acordo com os padrões europeus e a popularidade do *rock* americano entre as gerações mais jovens durante a era soviética.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cosmopolita, tecnocrática e rósea visão de mundo dos proverbiais “homens de Davos”, que o próprio Samuel Huntington criticou por suas suposições equivocadas e miopia intelectual, foi assaltada pela realidade da Guerra da Ucrânia. Tal castelo de cartas foi gravemente abalado pela sismicidade geopolítica. Os “especialistas” modernos, cujos prismas analíticos são estreitos, chegam à conclusão de que eventos que eles não podem explicar não fazem sentido algum ou que os responsáveis estão agindo de maneira irracional.

Assim, as lições ensinadas por esse despertar rude acentuam o imperativo de adotar estruturas mais sóbrias e abrangentes que ofereçam um senso mais aguçado de consciência situacional sobre fenômenos complexos e forças impessoais cujo comportamento desafia a sabedoria convencional e o pensamento de grupo. Portanto, para superar tanto o sofisma quanto a miopia estratégica, modelos interpretativos como geopolítica, geoeconomia, realismo político, análise macro-histórica de longo alcance e previsão estratégica multidisciplinar podem ser úteis. Negligenciar o significado dramático da Guerra da Ucrânia não seria apenas uma deficiência cognitiva, tal negligência poderia levar a uma tragédia ainda maior em um futuro próximo.

Afinal, bússolas de navegação precisas são extremamente necessárias para navegar no meio de uma tempestade caótica em um mar de incertezas. Na cova dos leões, o pensamento ilusório, a santidade e as representações maniqueístas binárias são praticamente inúteis. A escrita metafórica na parede é clara, sua mensagem só precisa ser lida antes que seja tarde demais.

Artigo publicado no Geopolitical Monitor.

***Jose Miguel Alonso-Trabanco**, nascido no México, é profissional de relações internacionais. Possui mestrado em Segurança Nacional e Inteligência Estratégica e faz um doutorado em Estudos de Defesa e Segurança na Massey University, Nova Zelândia. Suas áreas de especialização incluem geopolítica, segurança, política, a natureza do poder nacional, rivalidades internacionais, conflito, hegemonia, grande estratégia, novas arenas de competição estratégica e a crescente importância dos assuntos financeiros e monetários para as realidades geopolíticas do século XXI.
